

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa

**O papel da metáfora em *Ensaio sobre a Cegueira*, de José  
Saramago**

**Angélica M. da Costa C. Nicolosi**

São Paulo  
2011

**Angélica M. da Costa C. Nicolosi**

**O papel da metáfora em *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Especialista.

**Orientadora: Prof. Dra. Dieli Vesaro Palma**

São Paulo  
2011

*Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Lúcia, por sua coragem, bravura e paciência, qualidades que me serviram como exemplo e consolo nas grandes turbulências e adversidades. Também expresso aqui o meu profundo apreço por meu noivo, Carlos Alexandre, um homem repleto em sua perseverança e paz de espírito, que sempre me estimulou a perseguir os meus sonhos e a acreditar que tudo é possível, não importa quão árduo seja o caminho. Aceitem meus agradecimentos sinceros por terem contribuído infinitamente na busca pelo meu sucesso e na descoberta do meu mais profundo eu. Agradeço imensamente à minha orientadora, Dieli Vesaro Palma, pela inestimável e preciosa ajuda, sem a qual a realização deste trabalho não seria possível.*

*“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.*  
*Livro dos Conselhos, in Ensaio sobre a Cegueira*

## RESUMO

O tema deste trabalho são as metáforas utilizadas por Saramago no romance Ensaio sobre a cegueira, que explicitam visões de mundo presentes na obra.

O presente trabalho apresenta a metáfora como elemento fundamental na concepção da linguagem utilizada no romance Ensaio sobre a Cegueira. Com base nas metáforas criadas por José Saramago, serão abordados alguns aspectos constantes na realidade do homem moderno, que se baseia em conceitos essencialmente metafóricos como o tempo, o dinheiro e a concepção de presente e futuro para guiar a sua vida. Sendo esse o principal objetivo, dá-se início ao trabalho com a explanação da transição pela qual a metáfora passou, assumindo o papel de aparato cognitivo fundamental na estruturação do pensamento em lugar de simples ornamento lingüístico com função meramente estilística, visão tradicional proveniente da época greco-latina. Por ser uma obra de ficção, também é feita uma rápida exposição dos gêneros textuais e sua relação com a linguagem, assim como a descrição dos principais gêneros orais e escritos, dedicando atenção especial ao romance e a sua relação com a metáfora e as narrativas de ficção. Por fim, apresentam-se exemplos de metáforas extraídos da obra cujo objetivo é demonstrar a visão de Saramago sobre a sociedade moderna. Com esses exemplos, o que se pretende provar é que conceitos metafóricos como o tempo, o dinheiro, o presente e o futuro são determinantes na caracterização dos pensamentos e das atitudes das personagens, descritas por Saramago como se fossem um espelho de nós mesmos. Levando-se em conta que o ideal capitalista se faz presente em quase todas as sociedades modernas, a intenção é fazer com que o leitor, ao ler o romance, identifique essa co-relação entre ficção e realidade e perceba a importância que certos conceitos assumem em nossas vidas e de que maneira os concebemos, os interpretamos e interagimos com eles.

Palavras-chave: metáfora, linguagem, romance, cegueira.

## SUMÁRIO

<b>1. A metáfora como aparato cognitivo na concessão do pensamento e da linguagem.....</b>	<b>7</b>
Considerações Iniciais.....	7
1.1. Conceito de metáfora.....	8
1.2. Tipos de conceitos metafóricos.....	13
1.3. A metonímia.....	16
1.4. Metáforas Imaginativas e Criativas.....	17
1.5. Os mitos do objetivismo e do subjetivismo.....	18
1.6. O experiencialismo.....	21
1.7. A relação da linguagem metafórica com o nosso sistema conceitual.....	23
<b>2. A relação da metáfora com a palavra escrita.....</b>	<b>26</b>
2.1. Os gêneros e a linguagem.....	26
2.2. Gêneros Orais e Escritos.....	28
2.3. O gênero Romance.....	30
2.4. Metáfora, ficção e romance.....	31
2.5. A metáfora e as narrativas de ficção.....	33
2.6. A metáfora no romance <i>Ensaio sobre a Cegueira</i> .....	34
2.7. A metáfora e a cegueira.....	35
2.8. A metáfora conceitual do tempo.....	36
2.9. As metáforas orientacionais.....	40
2.10. Exemplos de metonímia.....	42
Considerações Finais.....	44
<b>Referências.....</b>	<b>46</b>

# **1. A metáfora como aparato cognitivo na concessão do pensamento e da linguagem**

## **Considerações iniciais**

Com o desenvolvimento da lingüística cognitiva, iniciou-se um processo de conscientização do papel fundamental das metáforas na concessão do pensamento e da linguagem. A modificação na conceituação da metáfora como um adorno da língua começou a ocorrer no final do século XX com os avanços nos estudos realizados por cognitivistas.

Inicialmente, o novo paradigma cognitivista estabeleceu uma noção corporificada da razão, colocando-se em oposição à visão predominante no Ocidente, em que há uma separação entre mente e corpo. Segundo eles, a mente é corporificada, o pensamento é metafórico e o subconsciente é cognitivo. O pensamento metafórico ocorre em decorrência do que concebemos do mundo em que vivemos e se manifesta a partir das nossas experiências diárias. Lakoff e Johnson (2002) propõem a cognição como um processo de união entre mente, corpo e ambiente, em que a metáfora é um aparato cognitivo essencial na apreensão do conhecimento.

Ainda de acordo com esse novo paradigma, começou a se observar que a linguagem é impregnada de metáforas, o que levou muitos estudiosos a terem uma nova visão da mente. A metáfora passa a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana e não mais como um simples ornamento lingüístico, uma vez que o nosso sistema conceitual está tão repleto delas que mal percebemos a sua existência em nosso cotidiano.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar todo o processo ao qual a metáfora foi submetida até ser reconhecida como um recurso essencial na formação cognitiva de nossas idéias, utilizando como base as ponderações feitas por Lakoff e Johnson, em seu livro *Metaphors we live by*, publicado em 1980 e traduzido em 2002, sob o título *Metáforas da vida cotidiana*, em que os autores discutem o papel da metáfora sob uma nova perspectiva, a de que ela é conceitual e influencia grande parte do nosso pensamento. Sua intenção é a de que vislumbremos a metáfora como um procedimento que vai além dos enunciados e que atinge a

instância da enunciação, cuja relação abrange aspectos da natureza social, cognitiva, psicológica e cultural.

### **1.1. Conceito de metáfora**

A metáfora é um fenômeno que tem origem no âmbito filosófico e perpassa por várias escolas, que lhe conferem funções diferenciadas. Atualmente, vista sob um panorama muito mais abrangente, ela se tornou um recurso vital do pensamento e da linguagem, presente em todas as formas da comunicação humana, vinculado à nossa concepção do mundo e tudo o que está ao nosso redor.

Antigamente, quando se pensava no conceito de metáfora, a primeira definição a ser dada, segundo a visão tradicional, era a de que ela nada mais era do que um recurso lingüístico ligado à retórica e à persuasão, a que poetas e oradores recorriam a fim de dar conotação poética ou persuasiva às suas falas. Nos textos, a metáfora era usada para ir além do que a linguagem literal consegue alcançar. Essa concepção remonta aos primórdios da linguagem, em que a metáfora assumia um papel meramente estilístico e sua função era atribuir à linguagem uma conotação poética e imaginativa.

A metáfora e outros fenômenos de linguagem (como a metonímia, a personificação e a sinédoque entre outros) eram considerados, segundo a visão platônico-aristotélica, desvios praticados pela literatura e não deveriam existir na fala cotidiana. Não possuíam nenhum valor cognitivo e eram conceitualmente inúteis. Por essa razão, deveriam ser evitados quando o intuito era falar de um assunto de maneira clara e objetiva.

Embora Aristóteles não tenha dedicado à metáfora um estudo direto em qualquer uma de suas obras, ele foi o primeiro autor a apresentar uma teoria sobre ela. Na *Retórica* (Aristóteles, 1998: 196), ele a apresenta como um artefato estilístico a serviço da arte de seduzir. A retórica associa as metáforas à construção do discurso eficaz, em que a palavra é adaptada à audiência e à causa a ser defendida. A teoria aristotélica é um ponto histórico incontornável e por essa razão esse conceito perdura por vários séculos, podendo ser encontrada no próprio conceito de metáfora como figura de linguagem que foi veiculada em livros, manuais didáticos, gramáticas e também no âmbito dos estudos literários.

A mudança conceitual e paradigmática começou a ocorrer em meados da década de 1970, em que a cognição começa a ser vista como a chave principal da construção mental. A metáfora inicia a sua trajetória como um fenômeno de natureza cognitiva a ser reconhecida como figura de pensamento, não apenas como figura de linguagem. No lugar de ornamento lingüístico, ela passa a ser trabalhada como uma projeção de conceitos, que ocorre entre elementos constituintes de um domínio conceitual. Para Lakoff e Johnson (2002, pg. 47), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, de forma que os conceitos metafóricos mostram uma compreensão parcial do mundo.

Para entender o mundo do qual faz parte, o homem precisa ir além do que o sentido literal apresenta. Nessa nova concepção, a metáfora desempenha um papel essencial para a compreensão do mundo e de nós mesmos. Ela passa a ser o elo entre o ordinário e o extraordinário, o veículo pelo qual a informação é interpretada e compreendida de forma que os conceitos metafóricos presentes no nosso cotidiano deem sentido pertinente à realidade experienciada.

Lakoff e Johnson consideram a metáfora um instrumento cognitivo essencial para a concepção e a estruturação de idéias relacionadas aos conceitos presentes em nossa cultura e que possuem conotação naturalmente metafórica, e não apenas mais um recurso lingüístico utilizado para expressar idéias que fogem do sentido literal. Segundo esse pensamento, a metáfora é o instrumento principal utilizado para dar vazão a esses mesmos conceitos, dos quais fazemos uso constante em nossa vida diária. A função da metáfora é, assim, a de estender as capacidades de comunicação e conceitualização do ser humano. A metáfora é uma “janela” para os sistemas de conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura.

Os autores também afirmam que a metáfora é um mecanismo fundamental para a compreensão das diversas experiências humanas, pois ela é onipresente não apenas na língua, mas em todo o sistema conceitual. Parte desse sistema, no qual está alicerçado o pensamento e a ação, é estruturado metaforicamente. Conceitos abstratos são percebidos através de relações co-sistemáticas estabelecidas com outros conceitos diretamente relacionados às nossas experiências diárias. Esses conceitos possuem uma estrutura interna coerente que podem ser individuais e agrupados em categorias constituídas por entidades, objetos e ações. Essas

estruturas nos levam ao conceito de metáfora que Lakoff e Johnson desenvolveram e que a classifica como uma forma de conceituar a realidade.

De acordo com a nova proposta, há uma idéia de que pensamento e corpo são correlacionados e não mais separados, conforme a visão tradicional. A mente é corporificada, o pensamento é metafórico e o subconsciente é cognitivo. Lakoff e Johnson propõem a cognição como um processo de união entre mente, meio e corpo, em que a metáfora atua como aparato essencial possibilitador. É através desse paradigma cognitivo que categorizamos não só as coisas ao nosso redor como também entidades abstratas. Os autores discutiram os parâmetros desse novo entendimento da razão e os reuniram da seguinte forma:

A razão não é desincorporada, como a tradição largamente afirmou, mas surge da natureza de nossos cérebros, corpos e experiências corporais. (...) Os mesmos mecanismos neuronais e cognitivos que nos permite perceber e nos mover por toda a parte também cria nossos sistemas conceituais e modos de razão. (...) A razão é evolutiva (...), não é uma essência que nos separa de outros animais; antes, coloca-nos num continuum com eles. A razão não é universal no sentido transcendente, isto é, não é parte da estrutura do universo. É universal, entretanto, na medida em que é compartilhada universalmente por todos os seres humanos. (...) A razão não é completamente consciente, mas em grande parte inconsciente. Não é puramente literal, mas altamente metafórica. (2002, pg. 4)

Os autores argumentam dentro desse novo processo de concepção do pensamento que o ato de categorizar é uma atividade que faz parte da nossa vida desde o momento de nosso nascimento. Aprendemos e aprendemos com nossas experiências cotidianas, buscando na estrutura do mundo exterior similaridades que auxiliam a nossa mente a compreender os aspectos relacionados a cada conceito ou idéia que experienciamos.

O paradigma cognitivo defende que a atividade de categorizar conceitos, idéias e emoções é um importante processo que revela a maneira como percebemos o mundo. Observamos tudo ao nosso redor e aprendemos com nossas experiências cotidianas, buscando internalizar todos os aspectos daquilo que experienciamos para que, na próxima vez que algo se repita, seja reconhecido e interpretado por nosso cérebro. Invariavelmente, conceberemos a maior parte daquilo que experienciamos metaforicamente, pois os conceitos e emoções inerentes aos eventos aos quais estamos constantemente expostos são essencialmente metafóricos.

O processo de categorização também auxilia a apreensão de novos contextos sociais, uma vez que, ao criarmos novas categorias para essas situações, a mente as incorpora e o nosso repertório de aprendizagem se expande. Com a incorporação da mente e a aprendizagem do corpo, somos capazes de organizar nossas idéias e assim categorizar tudo o que se manifesta no mundo. A idéia central do novo paradigma é a de que os conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outro; surge assim, o conceito da metáfora conceitual.

As metáforas conceituais são usadas muito freqüentemente para entender teorias e modelos. Uma metáfora conceitual utiliza uma idéia e em seguida a conecta com outra idéia, visando a facilitar a compreensão de algo. Por exemplo, a metáfora conceitual de ver a comunicação como um condutor é uma ampla teoria a ser explicada através de uma segunda metáfora. Portanto, não apenas a nossa comunicação rotineira é baseada em metáforas conceituais, mas também a maneira como a concebemos e a relação que estabelecemos com ela em nossa vida cotidiana.

Percebemos e compreendemos grande parte do mundo por meio de metáforas, uma vez que nosso sistema conceitual ordinário está repleto delas. Lidamos diariamente com uma série de concepções abstratas que são, em sua maioria, metafóricas (tempo, dinheiro, objetivos, sentimentos). Tal sistema desempenha um papel crucial na nossa atividade cotidiana. Tem influência direta no nosso pensamento, nas nossas atitudes e nos nossos julgamentos.

Os valores culturais embasam coerentemente essas estruturas metafóricas, que são geradas a partir dos aspectos presentes em cada sociedade. Haverá sempre uma metáfora conceitual que agregará as expressões lingüísticas inerentes a um determinado conceito. Quando dizemos, por exemplo, que TEMPO É DINHEIRO, estamos utilizando uma metáfora conceitual para caracterizar um dos diversos valores agregados à nossa vida cotidiana. A partir dela, criamos várias expressões metafóricas, como *não tenho tempo a perder com isso*, ou *preciso ganhar tempo*, ou ainda *você deve usar o seu tempo de forma lucrativa*, que nos ajudam a entender a natureza metafórica de nossas atividades e encontrar a forma mais coerente de interpretá-las e interagir com elas.

Lakoff e Johnson apresentam a definição de que *a metáfora permite compreender ou experienciar uma coisa em termos de outra coisa*. A expressão lingüística metafórica nos

permite compreender um conceito em termos de outro. Os autores acrescentam que, a partir de um conceito metafórico, podem ser geradas várias expressões lingüísticas metafóricas.

A própria sistematicidade faz com que compreendamos parcialmente um conceito em termos de outro. No exemplo acima, entendemos que o uso do tempo interfere diretamente no ato de ganhar ou perder um bem valioso (nesse caso, o dinheiro). Se não fosse assim, entenderíamos que um conceito é na realidade o outro e não compreendido em termos de outro, pois o conceito, como dito anteriormente, é metafórico por natureza.

Também utilizamos a metáfora para fazer referência direta às nossas experiências, a fim de identificar aspectos particulares e causas prováveis que as geraram, além de motivar ações capazes de combatê-las ou sanar as questões referentes a cada uma delas. Esse processo também envolve uma série de fenômenos mentais que podem ser concebidos em termos de outra metáfora. Ao dizer que O CIÚME ACABA COM O CASAMENTO apontamos o ciúme como um fator negativo e por isso devemos evitá-lo se quisermos manter nossa relação conjugal. Aqui, o ciúme é a entidade causadora do problema e, ao identificá-lo, encontramos também formas racionais de lidar com ele. Essas expressões metafóricas, advindas de conceitos abstratos, fazem parte de um sistema metafórico global, em que itens lexicais frasais são fixados por convenção. Tais expressões são reflexos de conceitos metafóricos sistemáticos que estruturam nossas ações e pensamentos, caracterizadas assim como as metáforas que vivenciamos.

Utilizamos metáforas baseadas em conceitos simples (para baixo – para cima, para dentro – para fora) com o intuito de viabilizar a manifestação dos nossos pensamentos e facilitar a nossa comunicação. Todavia, as metáforas estruturais fundamentam-se em correlações sistemáticas presentes em nossas experiências e por isso nos permitem estruturar claramente um conceito através de outro. Entendemos que TEMPO É DINHEIRO por atribuir ao tempo um valor precioso, já que nosso trabalho, nossa vida social e até nossos afazeres mais simples são medidos e calculados em função dele, além de estabelecer a importância do tempo gasto em uma determinada atividade.

Já na metáfora TEMPO É UM RECURSO, o tempo é uma substância que podemos quantificar, consumir e até mesmo atribuir um valor monetário; o concebemos como uma coisa

a ser “utilizada” para vários fins. Ao relacionar o tempo com a forma como ele influencia as nossas vidas, enfatizamos não só a correspondência de sentido que experienciamos coletivamente, mas também o espaço que tais metáforas estruturais têm em nossa cultura e de que forma elas fundamentam nossas experiências e ações.

Outro exemplo de correlação sistemática é a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Há um confronto no qual os envolvidos usam todos os recursos verbais possíveis para que seus pontos de vista sejam aceitos incondicionalmente – intimidam, ameaçam, atacam, se defendem, contra-atacam, induzem, negociam e até barganham maneiras para que suas reivindicações sejam atendidas. Essa concepção de combate também é latente em nossa cultura. Mesmo sem ter passado por uma experiência de guerra, táticas similares para ganhar discussões são invariavelmente adotadas por causa de seu teor conflitante.

As expressões metafóricas, assim como o “pensar metafórico”, surgiram naturalmente em nossa cultura por causa da relação direta entre o papel da metáfora e tudo aquilo que vivenciamos. As metáforas se tornaram tão freqüentes na vida cotidiana que nem sempre são percebidas. A maior evidência desse fato é percebida na língua e principalmente na maneira como as pessoas atribuem sentido às suas experiências. Atividades como discutir, solucionar problemas e trabalhar o tempo, por exemplo, são de natureza metafórica e estruturam a nossa realidade presente. Conceitos como esses influenciam nossa percepção e guiam o nosso julgamento do que é verdadeiro ou falso. Pelo fato de o sistema conceitual humano ser parcialmente metafórico, não há como definir um conceito como verdade inteiramente incondicional ou absoluta. O que definimos como verdade é relativo a esse mesmo sistema conceitual e também à nossa compreensão dos fatos.

## **1.2. Tipos de conceitos metafóricos**

As metáforas variam de cultura para cultura e sua interpretação dependerá do contexto em que estão inseridas. De acordo com Lakoff e Johnson, a classificação de três tipos de metáforas é definida assim:

a) *estruturais*: consistem na estruturação metafórica de um conceito em termos de outro. Podemos citar como exemplos as metáforas TEMPO É DINHEIRO e DISCUSSÃO É

GUERRA. Nesta última, focaliza-se a natureza competitiva de uma discussão através dos elementos que estruturam uma guerra, cujo objetivo é a vitória sobre o adversário. Fazemos uso da metáfora bélica quando o processo envolve conceber uma realidade em que todos os argumentos verbais são baseados em defender e atacar um oponente.

Segundo Lakoff e Johnson, entendemos, através da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, que “expressões provenientes do vocabulário de guerra, como por exemplo, atacar uma posição, indefensável, estratégia, nova linha de ataque, vencer, ganhar terreno, etc., formam uma maneira sistemática de expressar os aspectos bélicos do ato de discutir” (op. cit. pag.: 49).

Na expressão lingüística *Ele destruiu os meus argumentos* o verbo destruir é um dos verbos utilizados em um combate ou em uma guerra e é empregado em expressões lingüísticas cujo sentido é o de perda e de derrota. Numa guerra, há perdedores e vencedores e numa discussão, há pontos de vista distintos, em que o confronto tem a única intenção de determinar também um perdedor ou vencedor, através da imposição de sua opinião.

Muitas vezes essas expressões lingüísticas não são percebidas em nossa cultura, pelo fato de estarem naturalmente inseridas em nosso contexto social, o que faz com que elas traduzam e fundamentem tantas as nossas experiências como as nossas ações.

b) *orientacionais*: responsáveis pela organização de todo um sistema de conceitos com relação a outro (para cima/para baixo, para dentro/para fora, para frente/para trás), o que dá origem a metáforas como BOM É PARA CIMA e MAU É PARA BAIXO, associadas a domínios e relações de poder e/ou emocionais. Por exemplo, a oposição metafórica baseada na relação PARA CIMA/PARA BAIXO tem uma base física, concebida desde o nosso nascimento, que é a nossa posição: crescemos para cima e mantemos uma posição ereta. Assim, essa noção de verticalidade assume-se como uma categoria produtiva em termos metafóricos, já que partimos de um pressuposto de natureza concreta para explicarmos entidades abstratas, como as idéias e as emoções. Ao utilizarmos a metáfora TRISTE É PARA BAIXO, através da expressão lingüística *Estou pra baixo hoje*, sabemos que *pra baixo* significa que estamos tristes ou deprimidos, o que também se faz aparente em nossa postura, ombros caídos e cabeça cabisbaixa. Quando temos como base a metáfora FELIZ É PARA CIMA, através da expressão

*Meu astral está lá em cima* nossa postura permanece ereta, indicando um estado emocional positivo.

Tais orientações metafóricas têm uma base na nossa experiência física e cultural. Embora as oposições binárias para cima – para baixo, dentro – fora, etc. sejam físicas em sua natureza, as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra.

c) *ontológicas*: têm por base a nossa experiência com objetos e substâncias físicas, das quais explicamos noções abstratas, como conceitos, idéias e sentimentos. Segundo Lakoff e Johnson, entender as nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite selecionar extratos de nossas experiências e tratá-las como entidades concretas, de forma que seremos capazes de fazer referência a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e racionalizar sobre elas.

Os autores afirmam que “da mesma forma que as experiências básicas de orientações espaciais humanas dão origem a metáforas orientacionais, as nossas experiências com objetos físicos (especialmente como nossos corpos) fornecem a base para uma variedade extremamente ampla de metáforas ontológicas, isto é, formas de conceber eventos, atividades, emoções, idéias, etc. como entidades e substâncias” (op. cit. pg. 75). Em suma, concebemos fisicamente aquilo que não é físico, trazendo para o “mundo palpável” conceitos de natureza abstrata.

As metáforas ontológicas podem servir a diversos propósitos e suas diferenças podem refletir diversos fins. Analisando a metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE entendemos que, ao conceber a Inflação como uma entidade, podemos racionalizar sobre o modo como ela interfere em nossa vida econômica, como por exemplo, *A inflação está baixando o nosso padrão de vida* ou *Precisamos de medidas eficazes para combater a inflação*. Há ainda metáforas mais elaboradas como A MENTE É UMA MÁQUINA, pela qual fazemos alusões do tipo “*Estou um pouco enferrujado hoje*” e “*A minha mente simplesmente não está funcionando hoje*”. Os autores enfatizam que utilizamos as metáforas ontológicas para compreender eventos, ações, atividades e estados. Eventos e ações são metaforicamente conceitualizados como objetos, atividades como substâncias e estados como recipientes.

e) *de personificação*: a personificação é uma extensão das metáforas ontológicas. Permite-nos compreender as experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

Para Lakoff e Johnson, a personificação não é um processo geral e único. Cada uma difere em termos dos aspectos humanos que são selecionados. Trata-se de uma categoria geral que abarca um número enorme de metáforas, em que cada tipo de personificação seleciona aspectos particulares de uma pessoa ou modos diferentes de considerá-la. Por exemplo, ao dizer que *A VIDA ME TRAPACEOU*, estamos recorrendo a experiências desagradáveis que geraram mais decepções do que alegrias ou que não geraram os resultados esperados para expressar nossa insatisfação com os fatos que culminaram nessas insatisfações. Como um segundo exemplo, a metáfora *A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO* nos fornece uma maneira de pensar a respeito da inflação (que aqui é negativa), e nos dá a idéia de que, sendo um oponente, precisamos estabelecer estratégias para combatê-la e derrotá-la.

### **1.3 A metonímia**

Assim como a metáfora temos a metonímia, que também consiste num processo conceitual, à semelhança da metáfora. Ela se caracteriza pela ligação de dois elementos num único esquema, em que o primeiro substitui o segundo. No exemplo “beber um copo” formase a metonímia *CONTENTOR PELO CONTEÚDO*, em que o copo substitui a bebida que se irá beber.

A metáfora conceitual estabelece relações de similaridade, em que estão envolvidos domínios conceituais diferentes. Já a metonímia conceitual estabelece uma relação de co-ocorrência, em que ocorre a utilização de um subdomínio a partir do mesmo domínio. Alguns exemplos de metonímias mais comuns são *O PRODUTOR PELO PRODUTO*, *A INSTITUIÇÃO PELAS PESSOAS* e *A PARTE PELO TODO*, tradicionalmente conhecida como sinédoque, em que uma entidade é utilizada para se referir à outra.

Lakoff e Johnson argumentam que a metáfora e a metonímia apresentam processos diferentes. A metáfora é principalmente uma forma de conceber uma coisa em termos de outra e a sua função primária é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem primariamente uma

função referencial que nos permite usar uma entidade para fazer referência à outra. Todavia, ela não é somente um recurso referencial. Assim como a metáfora, a metonímia serve ao propósito de propiciar a compreensão de um conceito ou idéia.

#### **1.4 Metáforas Imaginativas e Criativas**

Além das metáforas que estruturam o nosso sistema conceitual, há as que se encontram fora dele, que são as metáforas imaginativas e criativas. Da mesma forma que as convencionais, elas apresentam estruturas coerentes, em que alguns aspectos se fazem evidentes enquanto outros permanecem obscuros, e assim como as primeiras, também geram implicações que podem incluir outras metáforas. Ao analisar a metáfora AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, podemos deduzir alguns novos sentidos, a partir das palavras “obra” e “arte”, como nos exemplos “Amor é trabalho”, “Amor é arte”, “Amor exige compromisso”, além da relação que pode se estabelecer entre a idéia do amor e outros atributos, como a cooperação, a dedicação, a paciência, a criatividade e assim por diante. Cada uma dessas implicações pode, da mesma maneira, acarretar implicações posteriores, cujo resultado é uma rede ampla e coerente, já que há uma ligação coerente entre as metáforas e as idéias concebidas através delas.

Foi mencionado anteriormente que o que definimos como verdade é relativo ao nosso sistema conceitual ordinário assim como à nossa compreensão dos fatos, e que as metáforas conceituais nos ajudam a compreender idéias que são partes de nossa cultura e que interferem diretamente na forma com a qual vivemos as nossas experiências.

Todavia, há conceitos como os científicos, por exemplo, cujo sentido é literal em sua natureza, que não reconhecem que conceitos abstratos, por sua vez não-literais, como as idéias e as emoções, possam ser coerentes. Quando se desenvolve um projeto científico, a premissa exige que sejamos claros, objetivos e que usemos uma linguagem direta e objetiva. A utilização da metáfora ou de outras figuras de retórica seria condenável segundo esse contexto, por possuírem um alto teor imaginativo que não corresponde fielmente à realidade.

#### **1.5. Os mitos do objetivismo e do subjetivismo**

Considerando que o nosso sistema conceitual é parcialmente metafórico, encontramos aqui um conflito latente entre razão e emoção, que perdurou por muitos séculos e que ainda tem sido foco de longas discussões, caracterizando dois mitos amplamente explorados no âmbito da linguagem: os mitos do objetivismo e do subjetivismo.

Lakoff e Johnson (op. cit., pag. 295-296) enumeram uma série de crenças que constituem o mito do objetivismo:

- i) O mundo é constituído por objetos. Eles têm propriedades independentes de quaisquer pessoas ou outros seres que os experienciem. Tomemos, por exemplo, rochedo. Ele é um objeto separado e é duro. Mesmo se não existissem outras pessoas ou outros seres vivos no universo, ainda assim ele seria um objeto separado e ainda seria duro;
- ii) Adquirimos nosso conhecimento do mundo experienciando os objetos e chegando a saber que propriedades os objetos têm e como eles se relacionam entre si. Por exemplo, nós nos damos conta de que uma pedra constitui um objeto separado olhando-a, sentindo-a, deslocando-a etc. Descobrimos que ela é dura ao tocá-la, ao tentar apertá-la, ao chutá-la, ao jogá-la contra algo mais macio;
- iii) Compreendemos os objetos de nosso mundo em termos de categoria e conceitos correspondem às propriedades que os objetos têm em si mesmos e às relações entre eles. Assim, temos a palavra 'pedra' que corresponde ao conceito PEDRA. Diante de uma pedra, podemos dizer que ela está na categoria PEDRA e que um piano, uma árvore ou um tigre não estariam. Nessa categoria, as pedras têm propriedades inerentes independentes de quaisquer seres: elas são sólidas, duras, densas, encontram-se na natureza etc. Compreendemos o que é uma 'pedra' em termos dessas propriedades;
- iv) Há uma realidade objetiva e podemos dizer coisas que são objetivamente, absolutamente e incondicionalmente verdadeiras e falsas sobre ela. Mas, como seres humanos, estamos sujeitos a erros, isto é, a ilusões, a erros de percepção, a erros de julgamento, a emoções e vieses pessoais e culturais. Não podemos confiar nos julgamentos subjetivos dos indivíduos. A ciência nos oferece uma metodologia que nos permite ultrapassar nossas limitações subjetivas e atingir a compreensão a partir de um ponto de vista universalmente válido e desprovido de viés. A ciência pode, em última instância, dar-nos uma explicação correta, definitiva e geral da realidade e, graças a essa metodologia, ela progride continuamente em direção a esse objetivo;
- v) As palavras têm significados fixos, isto é, nossa linguagem expressa os conceitos e as categorias em termos dos quais pensamos. Para descrever a realidade corretamente precisamos de palavras cujos significados sejam claros e precisos, palavras que correspondam à realidade. Essas palavras podem surgir naturalmente, ou podem ser termos técnicos de uma teoria científica;
- vi) As pessoas podem ser objetivas e podem falar objetivamente, mas só o conseguem se utilizarem uma linguagem que seja clara e precisamente definida, direta e sem ambigüidade e que corresponda à realidade. Somente falando desse modo as pessoas podem se comunicar com precisão sobre o mundo externo e fazer declarações que podem ser objetivamente verdadeiras ou falsas;

- vii) A metáfora e os outros tipos de linguagem poética, imaginativa, retórica ou figurada podem ser sempre evitados ao se falar objetivamente, e deveriam ser evitados, pois seus significados não são claros nem precisos e não correspondem de um modo claro à realidade;
- viii) Ser objetivo é geralmente uma coisa boa. Somente o saber objetivo é realmente um saber. Somente sob uma perspectiva objetiva e incondicional podemos de fato compreender nós mesmos e o mundo externo. A objetividade permite-nos ultrapassar preconceitos pessoais e vieses, sermos justos e termos um ponto de vista sobre o mundo desprovido de viés;
- ix) Ser objetivo é ser racional; ser subjetivo é ser irracional e se deixar dominar pelas emoções;
- x) A subjetividade pode ser perigosa, pois ela pode provocar uma perda de contato com a realidade. A subjetividade pode ser injusta, uma vez que adota um ponto de vista pessoal e, portanto enviesado. A subjetividade é complacente, pois ela exagera a importância do indivíduo.

Quando dizemos que um conhecimento é objetivo, estamos nos referindo a um conhecimento preciso, que tem um foco bem estabelecido e é inquestionável. É qualquer teoria que afirma a supremacia dos fenômenos objetivos sobre a experiência subjetiva.

Relaciona-se o conhecimento objetivo à área científica justamente porque, de acordo com a história, o modo de conceber os conhecimentos científicos é fazendo a relação entre o objeto e a sua descrição metodológica, que gera o conceito de que o objetivo é exato por ser exato, é verdadeiro. Assim, um conhecimento é objetivo quando diz exclusivamente sobre o objeto.

Os autores também citam algumas das crenças geradas a partir do mito do subjetivismo (op.cit., págs: 297-298):

- i) Na maioria de nossas atividades práticas diárias, dependemos dos nossos sentidos e desenvolvemos intuições nas quais confiamos. Quando surgem questões importantes, não importa o que os outros possam dizer, nossos próprios sentidos e nossa intuição são nossos melhores guias para a ação;
- ii) As coisas mais importantes em nossas vidas são os nossos sentimentos, a sensibilidade estética, as práticas morais e a consciência espiritual. Eles são puramente subjetivos. Nenhum deles é puramente racional ou objetivo;
- iii) A arte e a poesia transcendem a racionalidade e a objetividade e colocam-nos em contato com a realidade mais importante dos nossos sentimentos e intuições. Alcançamos essa consciência mais pela imaginação do que pela razão;

- iv) A linguagem e a imaginação, especialmente a metáfora, é necessária para expressar os aspectos de nossa experiência que são únicos e mais significativos para nós. No que diz respeito à compreensão pessoal, os significados ordinários das palavras, baseados no senso comum, não são suficientes;
- v) A objetividade pode ser perigosa, porque lhe escapa o que é mais significativo e importante para os indivíduos. A objetividade pode ser injusta, porque ela deve ignorar os domínios mais relevantes de nossa experiência a favor do abstrato, do universal e do impessoal. Pela mesma razão, a objetividade pode ser desumana. Não existe meios objetivos e racionais para compreender nossos sentimentos, nossa sensibilidade estética etc. A ciência não tem qualquer utilidade quando se trata das coisas mais importantes em nossas vidas.

Ao definir o conhecimento subjetivo, comumente o relacionamos com conhecimento impreciso, que não pode ser comprovado e que não tem um foco bem estabelecido. É questionável e não científico.

Epistemologicamente, podemos afirmar que todo o conhecimento subjetivo tem a supremacia do autor sobre o objeto. A relação sujeito-objeto acontece sempre priorizando as capacidades do indivíduo. Suas ações são basicamente motivadas pelas impressões concebidas através da sua intuição e das suas emoções. São as aspirações do sujeito que vão possibilitar a obtenção do conhecimento. Não há detalhamento rígido para a obtenção de resultados, uma vez que a produção do conhecimento subjetivo é sempre única. Um outro sujeito exposto às mesmas condições não chegará obrigatoriamente aos mesmos resultados. Tudo depende da compreensão de cada um acerca dos fatos, assim como dos aspectos físicos e culturais que cada um experimenta.

Da mesma forma que a visão objetiva, a visão subjetiva também possui crenças profundamente arraigadas em nossa cultura, segundo as quais a intuição e a imaginação são naturalmente necessárias à concessão e interpretação de fatos decorrentes das experiências vivenciadas diariamente. O subjetivismo aponta que não ir além do que as palavras dizem é falhar tanto na compreensão do que acontece ao nosso redor como falhar na tomada de decisões para interagir com as causas geradas por esses eventos. A intuição é o nosso principal instrumento de interpretação e motivação geradas a partir dos conceitos que obtemos não só das relações de convívio que estabelecemos, mas como também durante os nossos afazeres diários. Segundo a visão defendida pelo subjetivismo, não devemos jamais ignorar os nossos sentimentos, pois, da mesma forma que a nossa intuição, eles também contribuem para as idéias que formamos e decisões que tomamos em prol de nosso bem-estar.

O objetivismo é relacionado exclusivamente à ciência, ao raciocínio lógico, aos ideais de precisão e verdade incondicional e absoluta, enquanto o subjetivismo é associado à arte, à intuição, à imaginação, às emoções, às verdades relativas ou percepções mais elevadas.

Os mitos do objetivismo e do subjetivismo necessitam um do outro para existir. São concepções distintas, domínios com visões antagônicas, mas que se completam, já que há momentos em nossas vidas que precisamos agir objetivamente, com lógica e precisão, da mesma forma que outros momentos exigem que façamos uso da nossa imaginação, intuição e sentimentos a fim de tomar uma decisão cabível aos nossos interesses. As porções utilizadas por nós regidas por esses dois conceitos variam de acordo com os aspectos culturais de uma determinada sociedade, de forma que um indivíduo pode passar sua vida inteira vivendo sob a égide de uma só visão.

Lakoff e Johnson argumentam que, embora o objetivismo seja apenas um mito, na cultura ocidental ele é “de longe o mais poderoso, pretendendo reger, as menos nominalmente os domínios da ciência, da lei, do governo, do jornalismo, da moralidade, dos negócios, da economia e do saber” (2002, pg. 299).

### **1.6. O experiencialismo**

Os autores apresentam como alternativa uma visão experiencialista, em que estabelecem um equilíbrio entre os conceitos presentes nos dois mitos apresentados anteriormente. Essa opção nos permite rejeitar a concepção objetivista da verdade incondicional e absoluta, sem ter que conseqüentemente adotar a concepção subjetivista de conceber a verdade através da intuição e da imaginação. A metáfora é o instrumento que possibilita uma conexão entre as duas concepções, unindo razão e imaginação, tornando-se uma “racionalidade imaginativa”.

Lakoff & Johnson, ao apresentarem uma terceira opção ao entendimento da metáfora, uma síntese experiencialista, como a denominam, desprezam as radicais opções pelo objetivismo ou subjetivismo e concluem que “tanto o mito do objetivismo como o do subjetivismo ignoram o modo como compreendemos o mundo por meio de nossa ‘interação’ como ele” (2002, p. 304).

Ambos os mitos tem como motivação exclusiva a compreensão. Todavia, não levam em consideração que a nossa compreensão se dá através da forma como interagimos com o nosso mundo. O objetivismo ignora o fato de que não há uma verdade incondicional ou absoluta a ser adotada, pois o nosso sistema conceitual é parcialmente metafórico e uma idéia é concebida em termos de outra. Já o subjetivismo falha ao reconhecer apenas que o nosso sistema é fundamentado sobre a nossa concepção do sistema conceitual que seguimos, deixando de lado a idéia de que a implicação metafórica inerente a ele constitui uma forma imaginativa da realidade.

Por trás desses dois mitos, há a motivação humana para o entendimento do mundo externo e de seus aspectos internos, respectivamente. Na visão experiencialista, essas duas formas de entendermos o mundo não são, necessariamente, opostas. O que difere no modo de pensar experiencialista é o fato de separar o homem do meio. Para o objetivismo, o homem deve controlar o meio, para o subjetivismo, o homem deve vencer a alienação que o separa do meio e de outros homens. O mito experiencialista vê o homem como parte do meio em uma relação de transformação mútua por meio da interação, que tem como consequência o entendimento.

O experiencialismo admite o fato de que tanto um como o outro carecem de subsídios para que apenas um deles seja aceito como detentor da verdade. O mito experiencialista propõe a idéia de que os dois mitos podem agir em conjunto, partindo do pressuposto de que a verdade depende da compreensão decorrente de nossas idéias e ações. Essa é a forma pela qual o experiencialismo admite uma alternativa para a visão objetivista da verdade, assim como é através da estruturação de uma experiência que o experiencialismo satisfaz a visão subjetiva do que é verdadeiro ou falso.

Os mitos do objetivismo e do subjetivismo separam o homem do seu meio, enquanto que o mito experiencialista permite que ele participe inteiramente do processo de conceituação e atuação. Isso ocorre através da interação entre ele, o seu ambiente e as outras pessoas. Oferece ainda uma visão mais elaborada de áreas extremamente importantes de nossas vidas diárias, como a comunicação interpessoal, a compreensão mútua e a autocompreensão.

## **1.7 A relação da linguagem metafórica com o nosso sistema conceitual**

O ato da comunicação bem como a linguagem que utilizamos para expressar as nossas idéias, sentimentos e aspirações é coerente com o sistema conceitual do qual fazemos parte. Uma vez que precisamos dar vida às nossas impressões, a metáfora é inevitavelmente o recurso que utilizamos no processo de identificação, compreensão, assim como a forma da qual iremos expressar aquilo que está explícito ou implícito num determinado aspecto. Fazemos uma leitura daquilo a que somos expostos, a partir dessa leitura, metáfora desempenha a função de estruturar a maneira como percebemos o mundo, lidamos com ele tomamos consciência de um ou mais conceitos ou idéias atrelados a ela. Em outras palavras, a e também com as outras pessoas.

A metáfora lingüística está inserida na linguagem conceptual que, por sua vez, é gerada a partir das experiências do homem com seu próprio corpo e também da interação com o seu habitat físico e cultural. O papel da linguagem é, portanto, de estruturar o pensamento sobre a comunicação, levando-se em conta que a comunicação toma por base um sistema conceitual essencialmente metafórico. A partir do momento em que concebemos uma idéia e expressamos uma opinião sobre ela, estamos utilizando nossa coerência conceitual e lingüística para expor nossas opiniões, e nesse processo utilizamos expressões metafóricas que mostram de que forma concebemos, interpretamos e reagimos à nossa realidade.

Independente de ser positiva ou negativa, uma reação que acontece em concordância com o ambiente ou com as inferências relacionadas a um determinado assunto é uma demonstração de exercermos nossa autonomia de acordo com aquilo que percebemos, de forma que essas impressões nos impulsionam a agir. Se nossos sentidos se aliam à idéia e somos capazes de reagir a favor ou contra ela, estamos agindo sob o que entendemos ser coerente social e linguisticamente na busca por respostas ou soluções para um determinado assunto ou problema. Ser coerente é agir de acordo com a realidade. Tudo o que é coerente linguisticamente deve ser ao mesmo tempo coerente conceitualmente.

A idéia de que a metáfora tem uma grande importância estilística e discursiva sempre foi muito conhecida. O que não é de senso comum para as linhas de tratamento de linguagem é de que ela é uma maneira de operar o raciocínio, através da qual conceitualizamos as coisas do

mundo. A idéia apresentada por Lakoff e Johnson de que a metáfora é um recurso típico de se conceber a linguagem cotidiana inaugurou uma nova visão sobre a língua, relacionando-a com aspectos de natureza social, cognitiva, psicológica e cultural.

A metáfora conceitual é de acordo com Lakoff e Johnson, central para o estudo das línguas naturais. Com os significativos avanços nos estudos, a “migração” do estado da metáfora de ornamento lingüístico a aparato cognitivo possibilitou a sua incorporação diária em nossas vidas, hoje encontrada sem restrições em diversos gêneros, desde propagandas de revista, cartas e crônicas até reuniões de negócios, discussões políticas e entrevistas de cunho social e filosófico, tornando-se um recurso cognitivo fundamental na concepção do nosso pensamento, linguagem e ação.

Todavia, muito se passou até que a metáfora começasse a ser vista sob tal panorama. Muitos preconceitos a circundaram e prejudicaram a interpretação correta sobre qual o seu verdadeiro papel, não só a despeito do que prega a visão aristotélica, mas também por conta dos mitos do objetivismo e do subjetivismo.

Somente após diversos questionamentos da sua real influência na formação cognitiva do indivíduo e de sua participação no processo de concepção da linguagem é que se chegou ao consenso de que a metáfora não é apenas uma questão de emprego de palavras e nem de um simples recurso de linguagem. Lakoff e Johnson apresentam estudos e evidências que comprovam o quão importante ela é no processo de concepção da linguagem. Sem o recurso da metáfora, não seria possível entender os conceitos além do sentido literal das palavras, sem contar as dificuldades de interação com outros indivíduos e com o ambiente em geral. Isso acontece porque a leitura feita por nossa mente de tudo ao nosso redor ocorre a partir de conceitos e idéias que são parte do nosso sistema conceitual, que é parcialmente metafórico, conforme apresentado anteriormente.

Atualmente, a concepção do novo paradigma cognitivo já é aceita em diversos ambientes acadêmicos e está abrindo caminho para novos estudos no âmbito de aquisição e concepção da linguagem.

A metáfora possui um papel essencial no processo cognitivo e deve ser entendida e tratada segundo o seu real significado. É de grande valia o auxílio que ela nos presta na apreensão dos aspectos importantes de nossa cultura e na maneira como concebemos o mundo, para que possamos encontrar caminhos coerentes para estruturar nossas ações e vivermos nossas experiências. Mais que um mero ornamento lingüístico, a metáfora se tornou uma das ferramentas através das quais conceitualizamos as coisas do mundo, hoje presente de vários modos no nosso cotidiano.

Como pudemos observar, a metáfora se manifesta de forma mais contundente na nossa linguagem, enquanto objeto de mediação entre a concepção que fazemos do mundo em que vivemos e a forma como expressamos aquilo que concebemos indo além do significado literal do que se entende como real. Além disso, outras formas de expressão se fazem presentes com o auxílio da linguagem metafórica, não só de forma oral, mas também na forma escrita.

No próximo capítulo, veremos de que forma a metáfora se relaciona com a escrita através de gêneros textuais, principalmente no romance e na ficção.

## **2. A relação da metáfora com a palavra escrita**

Como podemos observar nos dias de hoje, a metáfora está presente não só na comunicação oral como também na comunicação escrita. Com o objetivo de mostrar a forma

como ela está relacionada com os textos que encontramos no nosso cotidiano, este capítulo apresenta-se com a introdução dos gêneros e a sua relação com a linguagem, introduzindo também a definição dos tipos de gêneros orais e escritos. A seguir, faz-se uma breve explanação do gênero romance e da sua relação com a metáfora e as narrativas de ficção. Tal relação é feita para que o leitor entenda em que contexto se situa a obra *Ensaio sobre a Cegueira*, que será utilizada como base para as análises lingüísticas envolvendo a metáfora. Após as análises, cujo foco será apresentar a maneira como Saramago utiliza certos conceitos para caracterizar a postura e as atitudes das personagens da obra, encerra-se o capítulo com as considerações finais e devidas observações de tudo o que foi exposto.

## **2.1. Os gêneros e a linguagem**

O termo gênero vem sendo explorado nos estudos da língua desde a antiguidade greco-latina. Seu surgimento foi principalmente discutido na retórica clássica, verificando-se em seu sistema uma preocupação explícita com os gêneros na atividade discursiva.

A retórica surgiu por volta de 427 a.C., e possuía conotação originalmente jurídica. Fazia-se presente em eventos comuns em que o povo, não satisfeito com o tratamento tirano que sofria, sentiu a necessidade de clamar por seus direitos enquanto cidadãos e, por conta disso, muitos conflitos se instalavam. Essa designação jurídica restringia o seu uso, fazendo com que a retórica permanecesse durante muito tempo sem alcance literário e filosófico. Todavia, uma mudança começou a ocorrer quando Górgias (retórico e filósofo grego conhecido por formar junto com Protágoras a primeira geração de sofistas) inovou a tradição literária da época, introduzindo uma prosa mais eloqüente e voltada para a exposição da palavra em outras esferas. A partir daí, o uso da palavra em público seria empenhada não só em atividades jurídicas, mas também políticas e festivas.

Aristóteles criou uma organização sistemática do estudo dos gêneros textuais e fez uma definição sobre a natureza do discurso. No capítulo 3 da Retórica (1358a), ele argumenta que há três elementos que compõem o discurso: aquele que fala, aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala. Segundo ele, há também três tipos de ouvintes que operam:

- (i) Como expectador que olha o presente;
- (ii) Como assembléia que olha o futuro;

- (iii) Como juiz que julga sobre coisas passadas.

Por fim, ele associa esses três tipos de julgamento a três gêneros de discurso retórico:

- (i) Discurso deliberativo, que servia para aconselhar / desaconselhar e voltava-se para o futuro por ser exortativo por natureza;
- (ii) Discurso judiciário, cuja função era acusar / defender e reflete o passado;
- (iii) Discurso demonstrativo, cujo ato era de censurar / louvar, situando-se no presente.

É pertinente frisar que Aristóteles analisa não só as estratégias, mas também as estruturas dos gêneros. Ele também faz importantes distinções entre a epopéia, a tragédia e a comédia, cujos tratados foram conservados.

Hoje o estudo dos gêneros continua a acontecer, mas sob uma perspectiva diferente. A expressão *gênero* vem sendo usada de maneira mais abrangente e investigada em um número cada vez maior de áreas.

Entende-se por gêneros textuais tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não-literários. Sob um contexto mais atual, os gêneros textuais são produtos gerados na cultura de uma determinada sociedade e permitem a interação social, dado os seus modelos comunicativos. Possuem conteúdo, estilo e forma próprios, e também apresentam funções específicas. Caracterizam-se como atividades sócio-discursivas e se apresentam na produção de enunciados diversos em diversos âmbitos da atividade humana.

C. Miller (1984 *apud* Marcuschi, 2008) considera os gêneros uma forma de ação social, uma ferramenta cultural importante presente na estrutura comunicativa da sociedade. Dentre as muitas idéias agregadas ao termo *gênero*, podemos destacar a sua relação com a ação retórica, com o processo de formação da estrutura textual, com a forma de organização social entre outros.

## **2.2. Gêneros Orais e Escritos**

Ao fazer uma manifestação linguística, nós a realizamos por meio de textos. Fiorin (1996, p.16) argumenta que texto “é um todo organizado de sentido”, ou seja, não se compreende um texto apenas como um conjunto de palavras ou frases unidas aleatoriamente, pelo contrário, essas palavras e frases devem estar ligadas entre si a fim de que uma unidade de sentido se forme.

Uma outra definição de texto é que toda manifestação linguística transmite uma mensagem ou estabelece um ato de comunicação em que ocorre uma interação com o outro. Quando dizemos manifestação linguística, falamos de recursos expressos pela palavra, que pode ser oral ou escrita.

Cada texto realiza sempre um gênero textual. A produção textual, nesse caso, é concebida como um todo com unidade de sentido, isto é, uma organização de idéias com começo, meio e fim. Toda vez que nos expressamos linguisticamente estamos fazendo algo social, estamos agindo e interagindo dentro do meio em que vivemos.

Cada produção textual, sendo ela oral ou escrita, realiza um gênero porque é um trabalho social e discursivo. As práticas sociais é que determinam o gênero adequado. Os gêneros textuais estão intrinsecamente ligados à nossa vida cotidiana, existindo como um mecanismo na organização das nossas atividades sócio-comunicativas. Caracterizam-se como eventos textuais maleáveis e dinâmicos integrantes das nossas vidas e auxiliam-nos no processo de concessão e organização de idéias dentro de um determinado contexto, o que possibilita o uso da linguagem nos diversos domínios sociais de comunicação.

O quadro a seguir (extraído de <http://pt.wikipedia.org>) exhibe a classificação quanto à forma e estruturas das seqüências lingüísticas presentes em cada texto:

<b>Domínios sociais de comunicação</b>	<b>Aspectos tipológicos</b>	<b>Capacidade de linguagem dominante</b>	<b>Exemplo de gêneros orais e escritos</b>
Cultura Literária Ficcional	Narrar	Mimeses de ação através da criação da intriga no domínio do verossímil	Conto de Fadas, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, narrativa de enigma, narrativa mítica, sketch ou história engraçada, biografia romanceada, romance, romance histórico, novela fantástica, conto, crônica literária, piada
Documentação e memorização das ações humanas	Relatar	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida, relato de viagem, diário íntimo, testemunho, anedota ou caso, autobiografia, curriculum vitae, notícia, reportagem, crônica social, crônica esportiva, histórico, relato histórico, ensaio ou perfil biográfico, biografia
Discussão de problemas sociais controversos	Argumentar	Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Textos de opinião, diálogo argumentativo, carta de leitor, carta de solicitação, deliberação informal, debate regrado, assembléia, discurso de defesa (advocacia), discurso de acusação (advocacia), resenha crítica, artigos de opinião, editorial, ensaio
Transmissão e construção de saberes	Expor	Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Texto expositivo, exposição oral, seminário, conferência, palestra, verbete, artigo enciclopédico, texto explicativo, resumo de textos expositivos e explicativos, resenha, relatório científico
Instruções e prescrições	Descrever ações	Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem, receita, regulamento, regras de jogo,

			instruções de uso, comandos diversos, textos prescritivos
--	--	--	---

### 2.3. O gênero Romance

O termo *romance* pode se referir a dois gêneros literários, uma composição poética popular, histórica ou lírica, transmitida pela tradição oral, sendo geralmente de autor anônimo; corresponde aproximadamente à balada medieval. Como forma literária moderna, o termo designa uma composição em prosa.

O romance surge na Idade Média e caracteriza-se como um registro popular inferior a outros existentes na época, direcionada ao prazer dos leitores. Entendemos como romance a forma narrativa equivalente à epopéia nos tempos modernos. A epopéia é a expressão da palavra por meio de uma narrativa que apresenta com maior qualidade os fatos originalmente contados em versos. Também pode conter fatos heróicos, muitas vezes, transcorridos durante guerras. Mas ao contrário da epopéia, que representa o mundo burguês, o romance retrata o homem como indivíduo.

A primeira forma de romance conhecida na Idade Média é o romance de cavalaria, ficcional e sem comprometimento com fatos históricos passados. No Renascimento, a narrativa no romance é pastoril e sentimental, seguido pelo romance apresentado no Barroco, repleto de aventuras complicadas, distinto do romance picaresco (composto de episódios e de um relato crítico normalmente em primeira pessoa, que procura explicar o estado de desonra do herói), que surge na mesma época.

Já o romance moderno é tipicamente um gênero narrativo, assim como a novela e o conto. A diferença entre romance e novela não é clara, mas costuma-se definir que no romance há um paralelo de várias ações, enquanto na novela há uma concatenação de ações individualizadas. É essencialmente marcado pela valorização do indivíduo ao invés do coletivo, pela presença do cotidiano e pelo ritmo acelerado imposto pela narrativa.

O nascimento da narrativa moderna no romance se dá com a publicação de D. Quixote, de Cervantes, em que ocorre a paródia dos romances de cavalaria, imensamente populares naquele período, mas que a certa altura, já se encontrava em declínio. O protagonista, já de certa idade, entrega-se à leitura desses romances, perde o juízo, acredita que tenham sido

historicamente verdadeiros e decide tornar-se um cavaleiro andante. Ele decide então viajar pelo mundo e viver o seu próprio romance de cavalaria

No século XIX, muitas dessas narrativas são caracterizadas, sobretudo, pela crítica social e pela temática histórica. Essa característica se mantém até os dias de hoje, aliadas a narrativas expressas dentro do universo do realismo maravilhoso ou de ficção-ensaio.

Outro ponto importante sobre o romance é que ele se tornou gênero preferencial a partir do Romantismo, razão pela qual o termo *romance* ficou associado. Entretanto, o Realismo teria no romance sua base fundamental, pois apenas ele permitia a minúcia descritiva, que exporia os problemas sociais.

#### **2.4. Metáfora, ficção e romance**

Como apresentado no capítulo anterior, Lakoff e Johnson estabelecem concepções acerca da metáfora como uma questão de pensamento, em que o pensamento é naturalmente metafórico.

O emprego da metáfora, como figura de linguagem ou pensamento, aponta para as modalidades da metáfora, uma vez que ela designa um dos aspectos do processo global de figuração ou expressão do pensamento literário, revelando-se como raciocínio imaginativo. Descobrir a metáfora adequada nos ajuda a fazer uma aproximação daquele elemento da realidade que nos interessa, por meio da expressão mais semelhante possível.

Pode-se considerar a teoria da literatura como o discurso privilegiado para lidar com a realidade. Entretanto, parte da crítica literária ainda considera arriscado mesclar literatura e mundo real. A noção de ficção convida a não confundir literatura e realidade. Distinções técnicas como essas são pertinentes, mas restringem o esforço teórico em apenas duas categorias - de um lado, a ficção (o texto) e do outro, o mundo real (o referente).

Ainda que a ficção não se confunda inteiramente com a realidade, há diversas seções obscuras e de interseção que provocam questionamentos consideráveis. Uma teoria ficcional interessa a quem visa compreender não só a literatura, mas também o que vai além dela, aquilo que está obscuro. A metáfora, em sua ambigüidade, é o elemento capaz de esconder e também de iluminar o que está obscuro. Por esse motivo, há ainda no campo da teoria literária, aqueles

cuja visão se contrapõe a essa idéia. Jonathan Culler (2000), por exemplo, nega que o poder da literatura resida na metáfora. Da mesma forma, Kafka sentia que as metáforas liquefaziam o sentido e transformavam a linguagem numa rede impessoal a manipular o ser humano.

Embora Kafka tivesse extremas objeções quanto ao uso da metáfora, ele sabia que teria que driblar o caráter metafórico da linguagem humana a fim de evitar o seu uso. Assim, ele abre seu romance *A metamorfose* com a seguinte frase: "Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso" (1985:7). Mesmo pelo fato de essa transformação "inseto - Gregor / Gregor - inseto" ser essencialmente uma metáfora, a narração é feita como se não fosse uma, pois à medida que Gregor se aliena mais e mais em sua nova forma, tanto seus familiares como o leitor vêem a sua existência como um fato absolutamente normal, ou seja, como se a metáfora não existisse. Assim, a personagem acaba por se tornar parte natural do processo que o alienou. ([http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S15176X2004000100003&script=sci\\_arttext\\_nt12](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S15176X2004000100003&script=sci_arttext_nt12))

Apesar de muitas objeções ainda existirem com relação ao real papel que a metáfora exerce, quando percebida como é, incita-nos a deixar de lado a nossa realidade cotidiana e a tomá-la sob uma perspectiva diferente, vislumbrando mais de uma realidade provisória, se assim o desejarmos. É esse poder renovador e transformador da metáfora que faz com que ela encontre respaldo em estudiosos como Lakoff e Johnson, que se referem ao uso das metáforas como instrumentos essenciais na exploração da linguagem muito além do seu contexto meramente literal.

A metáfora é possivelmente a potência mais fértil que possuímos, uma vez que todas as outras potências nos limitam às barreiras do que é pré-definido como real. Apenas a metáfora é capaz de nos fazer romper essas barreiras e criar dentro do mundo real um infinito universo imaginário, imprescindível para a concepção e adequação à realidade que nos cerca, assim como às experiências que vivemos diariamente.

## 2.5. A metáfora e as narrativas de ficção

Entendemos o termo *narrar* como o ato de expor, por meio da fala ou da escrita, um ou mais acontecimentos, que podem ser reais ou imaginários. Na narrativa de ficção, usamos o termo *narração* como designativo da prosa de ficção. A narração consiste no relato de acontecimentos ou fatos que envolvem a participação de um narrador para relatá-los, um ou mais personagens que participem de alguma forma desses fatos, um espaço onde ocorra a história, uma trama e o tempo em que as ações acontecem.

Quando uma narrativa de ficção é elaborada, tem-se como objetivo principal estabelecer um vínculo emocional entre o leitor e as personagens da trama, como se eles fossem reais. Ao lermos um romance, entendemos que a história contada não passa de uma invenção. Ainda assim, não deixamos de manifestar nossos sentimentos por meio de reações físicas, como o choro ou o riso, por exemplo. Uma vez que a história foi narrada de modo a ser vivenciada por aquele que a lê, as emoções acabam aflorando, mesmo sabendo que essa é apenas uma obra de uma ficção.

No universo da ficção, a realidade interna é mais ampla que a realidade externa. Podemos nos transportar para um mundo onde situações aparentemente anormais são concebidas como eventos comuns. Os contos de fadas, as fábulas e as narrativas fantásticas também nos remetem a uma realidade muito mais ampla do que a que vivemos. Nesses casos, os textos narrativos apresentam uma lógica interna que aceitamos como verdade.

Paul Ricouer (1997), em seu livro *Metáfora Viva*, apresenta a metáfora como o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade. Nesse contexto, a ficção apresenta um grande parentesco com a metáfora, o de atribuir a um pensamento as características de outro pensamento. Se analisarmos tal afirmação a fundo, podemos concluir que, nas narrativas de ficção, a metáfora se assume como uma ferramenta importante na transferência de idéias. Ao concebermos um pensamento, contamos com a metáfora na atribuição de características correspondentes à realidade que queremos construir fora do universo real. Sendo assim, a metáfora participa tanto do processo formador do pensamento quanto da descrição da realidade em que esse pensamento está inserido.

Voltando ao exemplo da metamorfose de Kafka, a transformação da personagem principal é descrita naturalmente como uma metáfora, assim como a sua nova realidade, aquela em que ele se “insetiza”. Mesmo contra a própria vontade do autor (que considerava a metáfora um desvio para o mau uso da palavra), o uso da metáfora não só acontece como também figura diretamente na concepção desse cenário.

A obra a ser estudada a seguir, intitulada *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, reflete de maneira fiel o papel fundamental da metáfora na concepção e descrição de uma determinada idéia, nesse caso, uma narrativa de ficção cujo ambiente social e identidade dos personagens são caracterizados de forma a evidenciar as mazelas de uma sociedade alheia aos ideais primordiais de liberdade, igualdade e fraternidade, criando assim, uma teia sólida de conhecimento que nos possibilita uma análise clara e profunda do contexto da obra.

## **2.6. A metáfora no romance *Ensaio sobre a Cegueira***

Em *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago aborda questões relacionadas ao comportamento e as atitudes dos homens como um todo, dando especial atenção à busca incessante pelo favorecimento próprio, lícito ou ilícito, à crise de valores instalada pela ausência de solidariedade entre os homens e à ausência de companheirismo, respeito e comprometimento enquanto integrantes de uma sociedade. Para tanto, o autor utiliza a metáfora para dar sentido às suas indagações, com o objetivo de aprofundar a sua compreensão da mente humana. É através da cegueira branca acometida às personagens (que as priva da capacidade de interferir no que acontece ao seu redor devido à sua fragilidade) que ele dá vazão ao seu objeto de análise, como a degradação causada pelo meio e o mau exercício da individualidade enquanto seres humanos, influenciados por conceitos sociais pré-determinados e provenientes das sociedades modernas.

A metáfora é um dos principais meios utilizados por Saramago para expressar linguisticamente de que forma não só a cegueira branca, mas os conceitos como o tempo, o dinheiro, o presente e o futuro atuam como modificadores comportamentais em uma determinada sociedade. As metáforas que encontramos no romance visam a demonstrar, principalmente, como a falta de capacidade de enxergar além do que os olhos vêem fez desses homens simples marionetes, empenhados em executar ações de acordo com a concepção sócio-

cultural imposta pelo meio em que vivem. Tal comportamento é essencial na caracterização da cegueira branca como uma cegueira de fundo social, que é o ponto-chave do romance.

## **2.7. A metáfora e a cegueira**

No romance, Saramago tenta nos chamar a atenção para a postura do homem moderno perante o seu meio e os seus semelhantes, cujas atitudes estão muito aquém daquelas que, nos primórdios dos tempos, eram idealizadas pela igualdade e fraternidade entre todos. Saramago descreve esse novo comportamento através do surgimento da “cegueira branca”, que tradicionalmente difere da cegueira tradicional, cujo sintoma é o de escuridão total.

A cegueira branca descrita na obra é apresentada através de inúmeras metáforas. As personagens são acometidas de um mal cujo diagnóstico é incerto, dadas a peculiaridades que não são detectadas em nenhum tipo de cegueira conhecido pela medicina. É com base nessa cegueira branca que Saramago tenta mostrar como o homem foi se tornando cego no mundo contemporâneo, alheio aos ideais primordiais de igualdade, liberdade e fraternidade. A cegueira demonstra, sobretudo, como o homem se tornou indiferente à realidade que o cerca.

No entanto, percebe-se que, na narrativa, outros questionamentos são feitos através do emprego de metáforas. Ao observarmos a forma como as personagens expressam os seus temores, vemos que elas não se preocupam em avaliar a razão pela qual a cegueira realmente ocorre. Suas preocupações são de fato relacionadas a conceitos, como por exemplo, a ação do tempo, se ele interfere ou não no agravamento da doença e se ele pode indiretamente causar a morte pela ausência da cura. Outro ponto interessante é o medo que elas externam por não saber o que esperar do futuro, uma vez que, se a cura não for descoberta, elas poderão morrer confinadas em um manicômio, cegas, emocionalmente perdidas e completamente desamparadas. São esses questionamentos que passam a assombrar os pensamentos das personagens e as levam a agir com desespero, de forma violenta e irracional.

A metáfora é um recuso fundamental na descrição desse processo de animalização das personagens, assim como na exposição de conceitos metafóricos que realmente influenciam a vida dessas pessoas, mesmo quando elas não se dão conta de que eles existem e agem continuamente, independentes da vontade alheia. Ao entender que estão cultural e socialmente escravizadas, perdem a noção do que apreenderam como certo /errado e passam a fazer coisas totalmente descabidas, como se a cegueira as tivesse destituído de tomar atitudes coerentes.

## 2.8. A metáfora conceitual do tempo

Vimos no primeiro capítulo que, de acordo com Lakoff e Johnson, durante o processo de concepção do pensamento categorizamos um conceito ou uma atividade inerente à nossa vida desde o momento em que nascemos. Vivemos e aprendemos com nossas experiências cotidianas, buscando no mundo exterior semelhanças que ajudam a nossa mente a compreender os aspectos relacionados a cada conceito ou idéia experienciada.

O conceito tempo é um dos mais utilizados em nossa cultura e está intrinsecamente ligado às nossas atividades cotidianas, e suas implicações são participantes de todos os eventos decorrentes de nossas vidas. Da mesma forma, o conceito do tempo não se estende somente à vida dos seres que integram a sociedade em *Ensaio sobre a Cegueira*, mas também a tudo aquilo que ocorre dentro dessa sociedade. Na obra, vemos o tempo interferir e influenciar em diversos aspectos do cotidiano e, por esse motivo, várias assimilações entre conceitos metafóricos acabam sendo feitas.

Constatamos a relação do tempo com aspectos financeiros, sociais, políticos, religiosos, pessoais e existenciais. O conceito do tempo atua como o ditador de todos os eventos que ocorrem no romance, o que é percebido por meio das relações que ocorrem entre os diversos conceitos metafóricos, como o tempo e o dinheiro, o tempo e o trabalho, o tempo e o destino, o tempo, a vida e a morte.

Ao descrever uma das personagens, a rapariga de óculos escuros, o autor a caracteriza “como a gente normal”, que tem “uma profissão, e também, como a gente normal, aproveita as horas que lhe ficam para dar algumas alegrias ao corpo e suficientes satisfações às necessidades, as particulares e as gerais” (pg. 31). Aqui há uma relação entre a forma como ela aproveita o tempo para ganhar algum dinheiro e a maneira como o tempo contribui para lhe proporcionar um trabalho que lhe traga além do dinheiro alguma satisfação pessoal.

Outra relação que se estabelece é a do tempo com o avanço desenfreado da epidemia à qual quase todos os habitantes são acometidos. Nessa associação o que se destaca é o tempo que o “mais forte”, nesse caso, o Ministério da Saúde, estabelece para realizar o isolamento de todos os doentes e na rapidez com que essa medida é executada. Essa ação se inicia com o médico, que é retirado de casa não muito tempo depois de ter ficado cego. Logo depois de receber uma ligação, sua mulher lhe pergunta quem estava ao telefone, ao que ele responde “O ministério, vem uma ambulância buscar-me dentro de meia hora” (pg. 43). Assim, se estabelece a relação do tempo com a luta entre os mais fortes e os mais fracos, em que a ocorrência maior pode ser a dependência ou o abandono eterno, já que, estando cegas, as personagens se tornam aparentemente incapazes de julgar as coisas tais como elas são.

A concepção do tempo também é associada à concepção de destino, que por sua vez está intrínseca e culturalmente ligada à visão de que o destino é, em sua maioria, incerto. Tal associação é expressa na comunicação entre o primeiro cego e o ladrão de carros, em que o primeiro agradece a ajuda recebida, mas se mostra incapaz de se expressar de forma clara, “como se a falta de visão lhe tivesse enfraquecido a memória...”, ao que o ladrão de carros, responde “... não tem importância, hoje por si, amanhã por mim, não sabemos para o que estamos guardados... e o cego finaliza, “quem me diria, quando saí de casa esta manhã, que estava para me acontecer uma fatalidade como esta” (pg. 13).

Durante a obra, Saramago relaciona a questão do tempo à doença das personagens e a preocupação que elas têm de recuperar a visão. Quando o primeiro cego se aflige com a preocupação em encontrar a causa para sua cegueira, ele transparece o ideal moderno de que as pessoas precisam “ver para crer”. Essa crença justifica a idéia do cego de pensar que “quanto mais o médico tardasse a examiná-lo, mais profunda a cegueira se tornaria, e, portanto incurável, sem remédio”. (pg. 21). O cego não considera que a medicina possua os recursos para diagnosticar a doença, mas atribui ao tempo a possibilidade ou não de voltar a enxergar.

A questão do tempo também interfere no comportamento das personagens. Vejamos o caso da esposa do médico:

Com o tempo e a intimidade, as mulheres dos médicos acabam também por entender algo de medicina, e esta, em tudo tão próxima do marido, aprendera

o bastante para saber que a cegueira não se propaga por contágio, como uma epidemia, a cegueira não se pega só por olhar um cego alguém que não o é, a cegueira é uma questão privada entre a pessoa e os olhos com que nasceu (pg. 38).

Os anos de convivência com o marido não a impedem de identificar que o argumento dele com relação à cegueira branca é falso. Todavia, não o contradiz por achar que não é de bom tom. Ela é informada que a cegueira instantânea do marido ocorreu após o contato que teve com um cego naquele mesmo dia, mas não se convence com as respostas que ele lhe dá. Ela entende que “a cegueira é uma questão privada entre a pessoa e os olhos com que nasceu”, ou seja, sabe que a cegueira em si não ocorre por contágio, é simplesmente uma questão de saúde, uma anomalia que pode vir a ocorrer no nascimento ou após, mas não por contágio. Aqui o tempo interfere na concepção e interpretação da mulher enquanto esposa de um médico, em que o sentimento de respeito que ela tem para com ele faz de forma indireta uma alusão à detenção do conhecimento e do poder, conceitos extremamente praticados nas sociedades modernas: ter um diploma é falar como propriedade daquilo que “aparentemente” o dono do diploma domina, ou seja, mesmo sabendo que as desculpas do médico não tinham o menor fundamento, o tempo de contato com o marido não a permitia expressar a sua opinião, pois embora entendesse muito do que o marido fazia, não era médica de fato, não tinha diploma e, por isso, não se sentia no direito de opinar.

Outro exemplo que podemos citar é como a reação das personagens se relaciona indiretamente com o tempo e com os anseios que as personagens têm de como a vida pode se tornar finita de forma repentina. O primeiro homem a ficar cego se desespera ao perceber que a cegueira o faz dependente de quem quer que se aproxime. Ele se vê vítima do seu próprio corpo e não consegue aceitar a idéia de que passará o resto da vida à mercê da bondade ou maldade alheia. Ele então diz à sua mulher que “se vou ter de ficar assim, acabo com a vida” (pg. 19). Essa metáfora expressa o conceito de que a vida, além de finita, também é marcada pela concepção pré-concebida do tempo, com começo, meio e fim. O medo que ele expressa por ter de viver cego e escravo tanto da doença como do tempo em que viverá sob as suas conseqüências o faz resolutivo de que não vale a pena viver dessa forma e que ele acabará com a sua vida se necessário for.

Saramago também usa o tempo para destacar como as sociedades evoluíram de forma desenfreada e confusa, em que a veia capitalista fez com que seus integrantes deixassem de

enxergar as coisas de forma coerente. Assim, o capitalismo tomou parte no primeiro plano e a consciência moral de todo o grupo ficou estagnada no segundo. Junto com o capitalismo, vieram à tona aspectos da metáfora TEMPO É UM RECURSO, em que aspectos escusos no uso do tempo se destacam. As atividades realizadas por nós visam o ganho pessoal, sem considerar que tipo de sofrimento nossas atitudes podem vir a causar aos nossos semelhantes. Não importa quando nem como, só importa o quanto:

Com o andar dos tempos, mais as actividades da convivência e trocas genéticas, acabamos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca (pg. 26).

No exemplo acima, o tempo é associado ao progresso das ações de uma determinada sociedade, e contribui para a decorrência de eventos baseados em conceitos capitalistas que incitem trocas que gerem apenas lucro, desprezando as conseqüências negativas provenientes de práticas competitivas, que em sua maioria gerarão atitudes ou sentimentos negativos.

Além da relação proveniente de sociedades modernas em geral, Saramago aponta outros tipos de falhas nas relações humanas. Ao ficarem cegos e serem enviados ao manicômio, todos os habitantes são expostos à subversão extrema, desprovidos de condições mínimas de sobrevivência. Ainda sim, alguns deles conseguem encontrar uma fonte lucrativa no meio do caos, roubando e chantageando seus colegas de morada. Se considerarmos a metáfora O TEMPO É UM RECURSO, seremos capazes de entender que, independente de qualquer empecilho que a vida possa colocar para cada um de nós, não se pode jamais desprezar as oportunidades que se apresentam pelo caminho:

A essa hora, num lugar escondido das vetustas e arruinadas edificações, estariam os gatunos a empanturrar-se de rações duplas e triplas de um rancho que, inesperadamente, aparecia melhorado, composto de café com leite, frio com efeito, bolachas e pão com margarina, enquanto a gente honrada não tinha outro recurso que satisfazer-se com duas ou três vezes menos, e não de tudo. (pg.108).

A gangue dos “cegos malvados”, responsável por gerar a fonte peculiar de lucro proveniente de saqueamento, violência e estupro, é uma parcela que representa o quanto nos

valemos do nosso tempo para atingir nossos interesses, e como nos ausentamos da responsabilidade de fazer algo que também beneficie os nossos semelhantes. No caso dos cegos dessa gangue, o que chama a atenção é que, além de serem indiferentes à sua própria desgraça, ainda regozijam-se do ato de poder “fazer negócios” se utilizando da desgraça alheia. Para tanto, seqüestram a comida colocada no pátio pelos soldados, de onde posteriormente gerarão seu lucro. Essa prerrogativa prova que o tempo, aliado à ocasião dita o passo de cada uma de nossas ações e influencia as regras estabelecidas por nossa sociedade, já que estas são pautadas em interesses que só o dinheiro pode proporcionar. Quando a gangue dos malvados usa uma arma para promover o comércio a seu favor, confiscando a comida enviada pelo governo e a repassando em troca de objetos com algum valor ou favores sexuais, ela externa a necessidade que todos nós temos de usar o nosso tempo de forma lucrativa, a fim de obter tudo aquilo que desejamos. O tempo se torna um recurso para que realizemos aquilo que queremos, mas o que não levamos em consideração, no entanto, é a forma como construímos o nosso patrimônio, se o fazemos de forma prudente e cabível ou se acompanhamos o caminhar desenfreado da sociedade, tomando atitudes ilícitas e levianas.

## **2.9. As metáforas orientacionais**

Algumas passagens na obra fazem referência a conceitos que estabelecem relação com outros: para cima/para baixo, para dentro/para fora, para frente/para trás, e que expressam principalmente os sentimentos das personagens e a interpretação que fazem ao serem atingidos pela cegueira branca e suas aflições por não saberem o que o destino lhes reserva. Estudaremos a seguir exemplos de metáforas relacionadas à metáfora orientacional PARA FRENTE / PARA TRÁS.

Sabemos que o futuro é geralmente ligado a tudo aquilo que está à nossa frente e o passado a tudo aquilo que fica para trás. Entendemos que o desencadear da vida ocorre através da progressão de fatos ou eventos, como o avanço das horas ou dos dias da semana, ou ainda com a chegada do nosso aniversário. A relação que se estabelece é a de que à medida que o tempo passa e ficamos mais velhos e que, nesse processo de avançar no tempo tudo aquilo pelo qual passamos ficou armazenado em uma esfera a qual denominamos passado. O presente representa o momento que marca a diferença entre os dois esses dois momentos, através da qual as interpretações do que é passado e futuro são concebidas. No exemplo que será apresentado,

o ponto de referência a ser explorado é a postura assustada do primeiro cego, cujas aflições se desencadeiam no presente e se projetam no futuro, e cujo receio do que virá assombra os seus pensamentos:

Por debaixo desta certeza tranqüilizadora percebia, contudo, o remoer surdo de uma dúvida, talvez se tratasse de um sonho enganador, um sonho de que teria de acordar mais cedo ou mais tarde, sem saber, nesse momento, que realidade estará a sua espera (pg. 17).

A expectativa que se tem sobre esse futuro expressa a idéia do movimento para frente. O tempo avança e, com ele, a vida as personagens, que ficam aflitas sem saber “que realidade estará a sua espera”. No decorrer do romance, observamos que não só este primeiro cego, mas também outras personagens se sentem desorientadas com a perspectiva do desconhecido. Percebe-se que a ausência de respostas contribui diretamente para os sentimentos de insegurança que os cegos demonstram em relação ao seu futuro. Por diversas vezes, demonstram o medo do que está à sua frente, mas que não conseguem conceber. Estão caminhando de encontro a uma realidade à qual temem, e que não foi sequer imaginada. Essa preocupação ocorre principalmente pela falta de controle e autonomia que as personagens vivenciam. O médico, após perceber que a quantidade de cegos no manicômio só aumenta e que a tensão do lugar está prestes a trazer conflitos à tona, começa a ter preocupações constantes com o tempo a mais em que permanecerá preso e o que acontecerá com ele durante esse intervalo:

Até a atmosfera da camarata parecia ter-se tornado mais espessa, rolando cheiros grossos e lentos, com súbitas correntes nauseabundas, Como será isto dentro de uma semana, perguntou-se, e teve medo de imaginar que dali a uma semana ainda estariam encerrados neste lugar... (pg.74).

Outro exemplo de metáfora orientacional relacionada à metáfora PARA FRENTE / PARA TRÁS é representada através da atitude do ladrão que rouba o automóvel do primeiro cego. Ele vê nessa oportunidade um grande negócio, mas Saramago associa a sua falta de caráter ao fato de que o ladrão não vê e não espera nenhum tipo de progressão em sua carreira. Neste caso, a relação que se estabelece é a de que, como integrantes de uma sociedade de ideais capitalistas, é no futuro que geralmente vislumbramos a possibilidade de obtermos aquilo que queremos, ou seja, planejamos agora e esperamos solidificar o nosso progresso quando o

momento chegar. No entanto, o ladrão desconsidera essa idéia de progresso e age de maneira contrária a essa concepção, contentando-se com a oportunidade que se apresenta:

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois roubou o carro não tinha em mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do género humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozeco de automóveis sem esperança de avanço na carreira, explorado pelos verdadeiros donos do negócio, que esses é que se vão aproveitando das necessidades de quem é pobre (pg. 25).

A incógnita do futuro parece interferir na vida das personagens da mesma maneira que interfere no mundo moderno. No caso do ladrão de carros, a falta de interesse em desbravar o futuro é que gera essa atitude desprovida de generosidade e altruísmo. Na sua visão do “ter” em lugar do “ser”, é inerente a idéia de que “se é certo que a ocasião nem sempre faz o ladrão, também é certo que o ajuda muito” (pg. 25). Os homens de hoje, da mesma forma que o ladrão de carros, abrem mão de sua própria identidade em prol das suas necessidades.

## **2.10. Exemplos de metonímia**

Entende-se por metonímia o processo sincrônico pelo qual se multiplicam as ocasiões de emprego de uma palavra além do seu campo semântico específico. Tem uma função importante como recurso estilístico ou estético, porque se presta a destacar aquilo que num determinado contexto é essencial no conceito designado. Como exemplo, observemos a numeração do tipo “sangue e lágrimas”, usada no romance para sintetizar a situação crítica de um povo, como descrito na passagem “...acabamos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas...”. A frase mencionada decorre de duas metonímias, em que dois tipos de acontecimentos são expressos pelos nomes das manifestações físicas que eles, respectivamente, provocam no corpo humano, dando aos acontecimentos um efeito real e impressionista.

Outra metonímia bastante utilizada é a do TODO PELA PARTE (que também pode ser caracterizada como sinédoque), em que a Nação, o Exército e o Governo aparentemente expressam suas opiniões e mobilizam ações a favor e em defesa de todos, fazendo diagnósticos que, segundo eles, são os mais apropriados para lidar com o surto de cegueira branca e tomar atitudes cabíveis para que a epidemia não atinja toda a cidade:

Nesse instante ouviu-se uma voz forte e seca, de alguém, pelo tom, habituado a dar ordens. Vinha de um altifalante fixado por cima da porta por onde tinham entrado. A palavra Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, etc.etc. (pg.49).

...a comunicação entre a ala dos pacientes e a ala dos suspeitos de contágio far-se-á pelo corpo central do edifício, o mesmo por onde entraram, décimo quarto, os suspeitos de contágio que vierem a cegar transitarão imediatamente para a ala dos que já estão cegos, décimo quinto, esta comunicação será repetida todos os dias, a esta mesma hora, para conhecimento dos novos ingressados. O Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever. Boas noites. (pg.51).

O exército lamenta ter sido obrigado a reprimir pelas armas um movimento sedicioso responsável pela criação duma situação de risco iminente, da qual não teve culpa directa ou indirecta, e avisa que a partir de hoje os internados passarão a recolher a comida fora do edifício, ficando desde já prevenidos de que sofrerão as consequências no caso de se manifestar qualquer tentativa de alteração da ordem, como aconteceu agora e a noite passada tinha acontecido. (pg.89).

O Estado também aparece como curador dos interesses do povo, fato esclarecido pelo policial que, ao resgatar a rapariga de óculos escuros do hotel onde fica cega, adverte, “... Nestes casos o Estado não paga...” (pg. 36), o que, segundo Saramago, é relativamente lógico, uma vez que prostitutas não pagam impostos sobre o que detêm e, portanto, não podem ser beneficiadas pelo dinheiro público.

Percebemos durante a leitura que esse poder de ação e decisão é concebido pelos próprios habitantes que pedem socorro a esses mesmos órgãos, por acreditarem (até serem isolados) que serão acudidos, tratado e providos com a cura para o “mal branco”. O médico é o primeiro a externar esse falso senso de segurança que acredita que os órgãos públicos podem proporcionar. Quando sua mulher lhe pergunta o que fazer, ele diz que devem “Avisar as autoridades sanitárias, o ministério é o mais urgente, se trata realmente duma epidemia é preciso tomar providências” (pg. 39).

Não só a concepção do tempo na vida contemporânea, mas também as metáforas orientacionais que retratam os receios quanto ao futuro e as metonímias que retratam a dominância dos órgãos públicos permitem que Saramago apresente e discorra sobre uma realidade individualista e insensível que acredita ser muito similar à nossa. Ele usa o romance

como um alerta para o abismo para o qual a sociedade continuará caminhando se não revir as concepções e regras pelas quais é regida. O autor ilustra de forma pertinente como ignoramos o privilégio de poder pensar, agir e realizar em grupo e de construir uma sociedade igualitária, com condições de vida para todos, o que inevitavelmente formaria mentes capazes de carregar o legado de um povo e transmitir uma mensagem de sabedoria que pudesse dar sustentabilidade a tantas outras gerações e atravessar os tempos.

### **Considerações Finais**

Para a explanação do tema proposto, nos baseamos no papel da metáfora como instrumento cognitivo atuante na concepção do pensamento e da linguagem para demonstrar a relação entre as posturas adotadas pelas personagens de Saramago e a influência que os conceitos metafóricos apresentados neste trabalho, como o tempo, a vida e o destino (entre outros) exercem sobre elas. O objetivo principal foi identificar de que forma o autor utiliza a metáfora para expor, através dessas mesmas posturas, as similaridades presentes entre a sociedade que ele cria e a sociedade contemporânea da qual fazemos parte, nas quais as atitudes tomadas se valem das concepções de mundo e dos valores sócio-culturais decorrentes do meio em que vivemos.

Pudemos verificar, através das análises e exemplos apresentados, que o autor visa a chamar a atenção do leitor para os aspectos comportamentais recorrentes no romance, com o objetivo de destacar a postura capitalista e robótica que se assume nos dias de hoje, em que o direito de cada cidadão de ser respeitado e considerado alguém semelhante é desprezado. A premissa de que todos estão em busca de objetivos comuns, como o sucesso profissional e pessoal e a estabilidade de forma equivalente para todos enquanto habitantes de uma mesma sociedade é ignorada.

Saramago narra os fatos e descreve suas personagens, com maestria, utilizando a metáfora de forma potente, capaz de fazer o leitor enxergar além daquilo que as palavras descrevem: a desconstrução da identidade humana, escravizada por conceitos negativos enraizados na cultura contemporânea, como a cobiça, o egoísmo, a competição e a sede de poder. O tempo domina o homem, mas o homem acredita que domina o tempo. O futuro, que antes, era o vislumbrar de um mundo maior, mais rico e repleto de homens cheios de posses

dá lugar a uma névoa circundada por perguntas não sem respostas e caminhos incertos. O homem perde o trono, o rumo e a razão. O autor se apropria de um gênero importante, o romance, e tece a trama se baseando em fatores decorrentes da sociedade moderna, alinhando a concepção de um povo segundo a sua cultura e utilizando essa mesma cultura para justificar o andar desconcertado da sociedade moderna.

Excelência à parte, não podemos deixar de salientar a importância da análise que o autor faz não só da sociedade que cria, mas dele próprio e de todos nós enquanto seres humanos. Para tanto, faz uso sábio da metáfora, introduzindo-a de forma adequada ao romance que escreve, considerando-a em seu ato de escrever como um aparato essencial na concessão da linguagem, capaz de ir além de conceitos literais, incapazes de traduzir a importância de a nossa atenção foi debilitada a ponto de nos tornamos tão cegos com o passar do tempo. Saramago também se beneficia da primeira função reservada à metáfora (a de ornamento lingüístico), na tentativa de nos situar no mundo que vivemos e nos alertar que poderá haver um recomeço, contanto que enxerguemos a verdade nua e crua e saibamos interpretá-la de maneira a conduzir nossos entes queridos e todos aqueles capazes de identificar e interpretar a sua própria verdade ao caminho do bem.

## **Referências**

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: INCM, 1998.

CULLEN, Jonathan. *Breve introduccion a la teoria literaria*. Barcelona: Crítica, 2000.

PLATÃO & FIORIN. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1996.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Cia. das Letras, 1985.

LAKOFF & JOHNSON. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

RICOEUR, Paul. *The rule of Metaphor*. Londres: Editora Routledge, 1997.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.